

O SIGNIFICADO DO PROCESSO DE AVALIAÇÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM PARA OS PROFESSORES DE UMA UNIVERSIDADE PRIVADA

[The meaning of the evaluation process of nursing graduate students to teachers in a private university]

Marcos Antonio Campoy*
 Marcos Antonio da Eira Frias**
 Rosana Battagini Iglesias***
 Regina Toshie Takahashi****

RESUMO: O objetivo foi estudar a temática processo ensino-aprendizagem enfocando o aspecto da avaliação na perspectiva dos enfermeiros docentes de uma escola privada de graduação em enfermagem localizada na cidade de São Paulo. Utilizamos como referencial teórico para análise a metodologia da pesquisa qualitativa. A análise dos resultados permitiu desvelar quatro categorias presentes nos discursos dos professores: “vivenciando a dificuldade para a avaliação do aluno”; “vivenciando formas diversas de avaliação teórica e prática do aluno”; “vivenciando caminhos para a avaliação do aluno” e “vivenciando formas objetivas e subjetivas na avaliação do aluno”. O estudo demonstrou que os professores reconhecem as múltiplas interações envolvidas no processo avaliativo, levando-os a elaboração de diferentes estratégias que acreditam minimizar as dificuldades de avaliar.

DESCRIPTORIOS: Avaliação educacional; Ensino; Aprendizagem; Enfermagem.

1 INTRODUÇÃO

A avaliação educacional é um tema que angustia docentes em geral e, no nosso caso, principalmente aqueles que estão no ensino de Enfermagem e se vêem face à avaliação de um trio conhecimento, atitude e capacidade motora de seus alunos no desempenho da função que definem o papel do enfermeiro.

Em nosso cotidiano como docentes nos surpreendemos, perguntando-nos, após um processo avaliativo: “fui justo?”, “será que esse aluno não tem mais potencial do que o avaliado?”, “o que terá influenciado o processo ensino-aprendizagem deste aluno?”, “o que realmente é avaliar o outro?”, “o que entendo por processo avaliativo educacional?”.

Face a essas questões decidimos explorar a literatura sobre o assunto e percebemos que a avaliação, é preocupação de educadores de várias áreas.

Belloni (1998) nos apresenta a avaliação de aprendizagem como avaliação de desempenho escolar e de currículos. Afirma que a avaliação de desempenho significa vivenciar situações de aprendizagem individual ou grupal no exercício de uma atividade profissional.

O docente de enfermagem tem de enfrentar com seus alunos avaliação teórica e prática na mesma disciplina. Poderíamos comparar ao que alguns autores como Munício apud DEPRESBITERIS (1995) chama de processo formal – provas – e informal – outras atividades de avaliação. Poderíamos dizer que o docente de enfermagem se vale da avaliação formal (provas) para avaliar o aspecto cognitivo, mais para avaliar a prática, ou seja, muda de atitude e desempenho nos procedimentos específicos, o docente tem de se valer de várias atividades como a observação, comunicação com seus alunos, o modo como o aluno interage com o paciente na execução dos procedimentos, a interação entre colegas, assim como também o desempenho em trabalho de equipe e grupal.

O docente de enfermagem se vê assoberbado com tantos aspectos da avaliação, o qual, em geral, é vivenciado em meio a conflitos e contradições, não apenas individuais, mas também com os alunos.

2 OBJETIVO

Face às considerações feitas, nossos questionamentos e verificando a divergência de opiniões sobre a

* Doutorando do Programa de Doutorado em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP). Coordenador da disciplina de Enfermagem Psiquiátrica e Saúde Mental da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID).

** Mestrando do Programa de Mestrado em Enfermagem da EEUSP, área de concentração em Administração dos Serviços de Enfermagem. Diretor de Escola de Enfermagem de Nível Médio.

*** Mestranda do Programa de Mestrado em Enfermagem da EEUSP, área de concentração Fundamentos de Enfermagem. Coordenadora das disciplinas de Fundamentos de Enfermagem e Semiologia e Semiotécnica de Enfermagem da Universidade de Santo Amaro (UNISA).

**** Prof.^a do Departamento de Orientação Educacional da EEUSP. Doutora em Educação.

avaliação do processo ensino-aprendizagem, apresentamos como objetivo compreender o significado do processo de avaliação de alunos de graduação em Enfermagem segundo os professores de uma universidade privada da cidade de São Paulo.

3 METODOLOGIA

3.1 Opção Metodológica

Acreditamos que a pesquisa qualitativa será o melhor caminho metodológico para esse estudo.

A pesquisa qualitativa, concordando com Alves (1991), não é algo fácil de se realizar. Existe uma grande variedade de referenciais de pesquisa que compõem essa vertente, conhecidos como naturalística, pós-positivista, antropológica, etnográfica, estudo de caso, humanística, fenomenológica, interpretativa, entre outras.

Para realizarmos este estudo sobre a prática pedagógica do professor/enfermeiro, na avaliação do processo ensino-aprendizagem, usaremos como referencial teórico metodológico os estudos de Bogdan; Biklen (1982), que apresentam a pesquisa qualitativa como estratégia de estudo, onde o pesquisador trabalha de forma descritiva e subjetiva, tratando os dados coletados mais sob a forma de palavras ou figuras do que números, dando mais importância ao processo do estudo do que ao seu produto final. Esses autores têm como preocupação principal mostrar o fenômeno nas interações cotidianas, verificando como os sujeitos vivenciam e informam a situação vivida individualmente e, por fim, analisando os dados de forma indutiva, não tendo a preocupação em comprovar hipóteses.

3.2 O Processo Metodológico

Este estudo foi realizado com professores/enfermeiros do curso de graduação em Enfermagem de uma universidade privada da cidade de São Paulo.

Foram distribuídos aos professores os instrumentos para a coleta de dados. A coleta realizou-se no final de junho e início de julho de 1999, período que nos permitiu agregar os professores/enfermeiros que se preparavam, naquele momento, para iniciar o período de férias na universidade.

O número de professores do curso de Enfermagem, na ocasião do estudo, totalizava 33 (trinta e três). Deste total, 23 (vinte e três) professores participaram do estudo, concordando e assinando um termo de consentimento que acompanhou uma folha com a pergunta norteadora: “como é para você, docente de Enfermagem, vivenciar o processo de avaliação dos seus alunos?”

A autorização por escrito atendeu as normas éticas estabelecidas na Resolução 196/96 para realização de pesquisa com seres humanos (Brasil, 1996).

Para analisarmos os relatos de todos os sujeitos participantes, adotamos como procedimento ler e reler, várias vezes, os discursos dos professores/enfermeiros, até chegar à impregnação. Esta análise do discurso permitiu-nos compreender o seu sentido latente; posteriormente esses discursos foram reunidos de acordo com a similaridade e agrupados como núcleos de pensamento (Bogdan; Biklen, 1982).

A reunião dos núcleos de pensamento nos permitiu obter categorias de pensamento que desvelaram o significado de como é para o docente de Enfermagem vivenciar a avaliação dos seus alunos de graduação no processo ensino-aprendizagem da instituição.

A partir dessa categorização, discutimos os resultados encontrados nas diferentes linhas de pensamento abordadas por estudiosos do processo de avaliação da aprendizagem.

4 O PROCESSO DESCRITIVO E ANALÍTICO DAS CATEGORIAS

Foram agrupadas as unidades de pensamento extraídas dos discursos dos professores/enfermeiros, o que nos levou a intuir e relacionar convergências nos procedimentos e interações cotidianas por eles vividas no processo de avaliação dos alunos. No agrupamento dessas unidades foi possível destacar as seguintes categorias: “vivenciando a dificuldade para a avaliação do aluno”; “vivenciando formas diversas de avaliação teórica e prática do aluno”; “vivenciando caminhos para a avaliação do aluno” e “vivenciando formas objetivas e subjetivas na avaliação do aluno”, apresentadas a seguir:

“Vivenciando a dificuldade para a avaliação do aluno”

Nesta categoria foi possível agrupar aspectos dos discursos dos docentes que expressavam dificuldades, conflitos e incômodos diante da complexa atividade de avaliação dos seus alunos.

...“é um momento difícil, geralmente vamos apontar dificuldades que superam (em geral) as qualidades”...

“É a parte mais difícil de ser professor”...

“O processo de avaliação dos alunos é vivenciado, por mim, de forma angustiante, conflitante e até, muitas vezes, sofrida”...

....“considero esse momento difícil tanto para o aluno, quanto para o docente”...

“É uma situação difícil na maioria das vezes”....

“Vivenciar o processo de avaliação do aluno é algo muito difícil, entretanto muito importante, uma vez que faz parte da responsabilidade em formar os alunos”....

“Para mim, todo o tipo de avaliação é um processo difícil”...

“Avaliar é muito difícil e complexo. Me sinto capenga nesse processo.”

A concepção de avaliação como algo difícil decorre de muitos fatores, e ainda hoje é objeto de investigação de muitos autores e estudiosos.

Vianna (1989) cita alguns aspectos que ainda representam dificuldades para avaliar, entre eles: ausência de uma teoria perfeitamente estruturada e que traduza um consenso entre educadores; inexistência de uma tipologia de informações fundamentais para o processo decisório; insuficiência de instrumentos e planejamentos adequados para a avaliação dos diversos fenômenos educacionais; falta de um sistema que possibilite a organização, processamento e relatório de informações necessárias à avaliação e, finalmente, carência de elementos qualificados para a realização da complexa atividade que o processo de avaliação exige.

A avaliação do desempenho escolar passa a ser uma grande dificuldade quando o processo deixa de ser visto como mero instrumento de mensuração ou de verificação de objetivos atingidos pelo aluno (Vianna, 1989).

Outros autores como Luckesi (1995); Zambelli (1997); Belloni (1998) relatam a dificuldade da compreensão metodológica que fundamenta os diferentes modelos seguidos para avaliação.

Para Luckesi (1995), a dificuldade em realizar a avaliação está na obtenção de um instrumento de medida dos resultados da aprendizagem, embora, como outros autores já citados, considere o instrumento de medida como parte integrante do processo avaliativo. Esse autor fala que o processo de avaliação de desempenho escolar opera com a verificação e não com a avaliação de aprendizagem. Neste sentido, “a avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ato que ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer ante ou com ele. A verificação é uma ação que *congela* o objeto; a avaliação, por sua vez, direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação”. Um aspecto que se apresenta como dificultador da avaliação, no nosso entender, é também o caráter de julgamento ou de escolha que o processo impõe, e o ser humano está condenado sempre a escolher.

“Vivenciando formas diversas de avaliação teórica e prática dos alunos”

Esta categoria mostra que a avaliação teórica e da prática existem separadamente e são contraditórias nos discursos dos professores/enfermeiros, provocando sentimentos de desconforto e insegurança.

“Sinto-me, às vezes, despreparada, achando que a avaliação vai além do conhecimento que ele descreve (prova escrita) e, na prática, nem sempre o contexto do seu conhecimento teórico é o que eu avalio”....

“Avaliar habilidades e conhecimento científico num período de seis dias de estágio num ambiente estressante como é o de um pronto-socorro nem sempre nos possibilita a compreensão dos “talentos” que possam estar presentes mas não visíveis”.

“Para mim, somente a avaliação escrita não é o suficiente para os alunos da Enfermagem”...

“Tratando-se de mudanças freqüentes de grupo, sinto dificuldades em avaliá-lo, pelo tempo de não conhecê-lo melhor e não ter acesso as interrelações necessárias para avaliação”.

“Quando esta avaliação é feita de uma forma mais “formal” (provas), apesar de não concordar que esta seja a melhor forma de avaliar conhecimentos, se torna menos angustiante”...

“Não sei se acontece só com o aluno de Enfermagem, acho que não, mas percebo uma baixa estima tal que, se não for dito que ele é o melhor aluno do curso, não tendo pontuado nenhum item a melhorar ou reforçar, parece que você o está condenando a repetir o curso (avaliação de estágio). Já nas avaliações escritas, seminários etc., parece que fica mais claro para o aluno como ele está enquanto ser no processo de aprendizado”.

...“em teoria, não gostamos muito das provas para avaliar conhecimento. Assim, junto a elas leituras de livros, textos, desenvolvimento de “aulas” e uma monografia. Mesmo assim, creio que ainda podia ser mais eficiente”.

Buscando na literatura autores que discutem essas contradições, encontramos Depresbiteris (1995), que aponta ser um grande erro direcionar a aprendizagem somente para o conhecimento adquirido dos conteúdos e avaliados através de prova. Para esse autor, os professores esquecem de considerar, na avaliação, outros recursos como trabalhos diários, observações e registros que permitam uma visão global do desempenho do aluno.

No nosso entender, a separação do avaliar teórico e prático é uma realidade vivenciada por grande parte dos docentes de enfermagem, principalmente tratando-se de estágios em campo clínico.

Krahe (1990), ao discorrer sobre as tendências da avaliação, cita a escola contestadora como nova possibilidade. Uma das características, neste modelo, é a autodeterminação; através do ensino e questionando o que o aluno pode fazer com o que aprendeu, utiliza-se a técnica da autoavaliação. O processo educacional, neste contexto, procura ensinar baseando-se no concreto, isto é, a partir dos conhecimentos do estudante com leituras críticas, analisando situações e suas relações. A avaliação é realizada através da análise de projetos, relatórios e trabalhos de classe com o grupo de alunos e individualmente, com uma reflexão entre alunos e professor. O professor deve assumir-se como companheiro de jornada no processo de formação e de capacitação do educando.

“Vivenciando caminhos para avaliação dos alunos”

Nesta categoria percebemos nos discursos dos docentes a busca de critérios de avaliação que possibilitem maior abrangência acadêmica.

“Uma dúvida constante do professor é saber o dimensionamento da avaliação. O que devo avaliar? Só a prova é suficiente?”

...“a empatia desempenha um papel positivo na avaliação, sendo que a antipatia influencia negativamente na avaliação”...

“Eu acredito que a avaliação prática vai desde interesse, desempenho, desenvolvimento durante o período de estágio e, particularmente, potencial”.

...“o processo avaliativo é inerente aos critérios pré-estabelecidos em cada disciplina, os quais seguem os objetivos propostos pela instituição, ou seja, a filosofia da instituição: o perfil dos alunos (clientes) que a instituição (escola) quer formar, quer lançar ao mercado de trabalho”....

“Quando a formação está direcionada a mobilizar competências motoras, cognitivas e afetivas, como é o caso da Enfermagem, caberia um instrumento que fornecesse uma possível visão da pessoa que está se profissionalizando, entretanto não há competência docente e discente para tal tarefa”...

“Prontidão, raciocínio lógico, habilidades técnicas, controle emocional são algumas características que os alunos impõem a si mesmos nesse tipo de ambiente por acreditar que na avaliação de seu desempenho irão pesar significativamente”.

“Os critérios a serem avaliados, o significado que cada um tem, tudo isto para mim são geradores de preocupações”....

“Tenho procurado avaliar durante todo o processo, não limitando aos momentos específicos de avaliação. Tenho tentado ver o aluno como um indivíduo em seus outros aspectos que envolvem também sua maturidade como pessoa, seu equilíbrio emocional, o bom/mau humor. Tenho discutido sobre isso como eles. Tem sido muito positivo”.

“Considero a avaliação mensuração de um conjunto de comportamentos, corretos ou incorretos, em relação aos esperados”.

...“não avalio apenas por conceito (notas) mas pela qualidade de conhecimentos, interesses que o aluno apresenta”.

...“procuro incentivar o aluno a pensar, a desenvolver o espírito crítico e a auto-avaliar-se. Estimulo estes aspectos lançando mão de reflexões sobre o assunto estudado (quando em sala de aula) ou sobre as situações apresentadas em campo de estágio”...

...“acredito que os professores deveriam ter mais preparo, realizar grupos para discutir a importância da avaliação, pois avaliação é uma parcela do processo ensino-aprendizagem”...

“Sinto que avaliar e ser avaliado necessitam de preparo, sinceridade, discussão entre professor e o grupo sobre o que vai ser avaliado, quais os critérios que serão utilizados”...

...“este tema deveria ser abordado, formalmente, como conteúdo disciplinar para o graduando e com palestras, seminários etc., acessíveis e contínuos para os professores, tornando assim a avaliação fonte enriquecedora para ambos”...

“Já tentei diversas formas para avaliar. No início, o fazia no último dia, um por um, depois fui mudando para uma avaliação final coletiva, que também foi inadequada. Então, comecei a fazer avaliação continuamente durante o período de estágio”.

A literatura sobre avaliação tem mostrado que não existe um modelo único e ideal para avaliação de desempenho escolar, no entanto sentimos que existe uma preocupação por parte das pessoas envolvidas com o tema em agregar as diferentes formas de avaliação na perspectiva de encontrar a que melhor sirva para a realidade experienciada.

Para Silva; Bohn (1986), a educação é um fenômeno histórico, humano e com múltiplas dimensões. Tais dimensões não estão justapostas, mas interrelacionadas dialeticamente. As perspectivas intelectual, humana, afetiva, socioeconômica e cultural devem ser analisadas e discutidas criticamente a partir de dados emergentes da prática, pois esta prática está comprometida com um referencial teórico.

Na busca de caminhos novos para a avaliação, consideramos importante valorizar o aspecto afetivo (atitudes), com ênfase na auto-avaliação. A eficácia ocorre na medida em que os esforços e êxitos dos alunos são reconhecidos pelo professor; a transmissão de conteúdos se torna secundária (Zambelli, 1997).

“Vivenciando formas objetivas e subjetivas na avaliação do aluno”

Nesta categoria é revelado um dos pontos críticos e de grande dificuldade para os professores/enfermeiros na prática pedagógica.

“A subjetividade impede o estabelecimento de normas que norteiam as nossas ações”.

“Para mim, especialmente, é um processo muito difícil de realizar, pois este processo é objetivo e subjetivo”...

“É sempre uma situação complicada devido ao alto grau de subjetividade que o envolve”...

“Somos obrigados a levar em consideração muitos aspectos que independem diretamente do aluno, como transporte, greve etc.”...

“No processo de avaliar estão envolvidos muitos aspectos tanto objetivos como subjetivos, ou seja, na enfermagem leva-se em conta a prática realizada pelo aluno”...

“Neste processo o item simpatia e antipatia gerava interferência que influenciava fortemente na quantificação numérica para avaliar o aluno”...

“Mesmo havendo critérios definidos de desempenho a partir dos objetivos propostos, ocorrem aspectos individuais e pessoais que interferem grandemente no processo”.

“Acredito que a avaliação tem a ver com os valores do professor e isso se torna muito complicado, uma vez que nem sempre o valor dos diferentes professores são os mesmos, sendo então os alunos avaliados de formas diferentes, proporcionando perfis diferentes de futuros profissionais”.

“Outra problemática que vejo para realizar a avaliação de estágio é que aspectos pessoais dos alunos estão envolvidos e creio que estes aspectos envolvam a empatia com o professor e o campo”.

...“posso estar sendo injusta com o aluno, mesmo tendo um instrumento que nos dê esse embasamento, ficando sempre a impressão que algo está faltando, ou seja, que alguns pontos desta avaliação não foram observados de uma forma mais concreta”.

“Avaliamos atitudes, que não são mensuráveis, no entanto o resultado da avaliação é expresso em notas”.

Segundo Franco (1995), “as primeiras discussões sistemáticas sobre avaliação educacional chegaram até nós por meio da psicologia da educação, em sua vertente dedicada à psicomетria, numa época em que nos primeiros laboratórios de psicologia experimental, criados na Alemanha, a própria psicologia começava a ganhar condição de ciência”.

A ciência objetiva traz como consequência o tratamento dos dados sociais de forma científica, onde o sujeito deve ser isolado do fato, para não produzir interferências. Fazer ciência é lidar com fatos “objetivos”, e o “objetivo” passa a ser o observado, medido ou palpado (Franco, 1995).

Avaliação educacional, sob o ponto de vista da matriz objetivista, valoriza os textos, as escalas de atitude, as questões de múltipla escolha ou provas ditas objetivas (Franco, 1995).

Sguissardi (1997), diz que os “modelos de avaliação na orientação técnica são de natureza somativa e têm como valores a produtividade, a eficiência, a certeza e a predição”.

A produção do conhecimento científico, por outro lado, também permitiu dar ao sujeito predominância sobre o objeto do conhecimento, quando referenciado pelos modelos subjetivistas ou idealistas. O sujeito não é isolado do fenômeno, são valorizadas as experiências vivenciadas e seus valores pessoais.

Para Franco (1995), este modelo subjetivista, “quando transportado para avaliação educacional, representa um avanço e gera modelos de investigação mais completos e abrangentes. Neste modelo, a preocupação volta-se também para a apreensão das

habilidades já adquiridas (ou em desenvolvimento), que não estão necessariamente refletidas nos produtos demonstráveis. Trata-se agora, de captar o “subjeto”, penetrar na “caixa preta” dos processos cognitivos. Foi também neste contexto que iniciou-se a valorização da “auto-avaliação”, o estudo dos aspectos afetivos e a análise das condições emocionais que interferem na aprendizagem”.

Conforme Sguissardi (1997), “avaliação implica um fundamentado conhecimento daquilo sobre o que interrogamos e atribuição de significados aos fatos, dados e informações colhidos. Para além dos fatos e a partir deles, a produção dos juízos de valor. Avaliar é uma ação que não admite neutralidade. Ultrapassa as descrições objetivas e as análises de coerência interna da realidade tomada por objeto”.

Para Libâneo (1994), “a avaliação deve ter caráter objetivo, capaz de comprovar os conhecimentos realmente assimilados pelos alunos, de acordo com os objetivos e os conteúdos trabalhados. Isso não significa excluir a subjetividade do professor e dos alunos, que está sempre presente na relação pedagógica, mas a subjetividade não pode comprometer as exigências objetivas sociais e didáticas inerentes ao processo de ensino”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS E CONCLUSÃO

Quando refletimos sobre o tema avaliação em educação, estamos irremediavelmente diante de um dos grandes problemas da área pedagógica. Os micro e macro fatores educacionais impostos pela sociedade, desvelados nos discursos dos docentes, mostram que a avaliação educacional é sempre uma preocupação dos professores.

Este estudo realizado com um grupo de professores/enfermeiros, possibilitou compartilharmos com eles as várias dimensões do problema vivenciados na prática formativa dos enfermeiros.

Os professores de enfermagem da universidade estudada transparecem nos seus discursos entender as múltiplas interações exigidas no processo avaliativo, no entanto, não percebem claramente como trabalhar com tantas variáveis, muito embora alguns deles venham tentando encontrar caminhos para minimizar as dificuldades.

Foi possível notar que os professores/enfermeiros buscam uma avaliação útil, factível, ética e exata. A essência encontrada nos discursos relatados mostra que os docentes da Enfermagem concordam com SOUSA, s/d, que diz que a utilidade da avaliação está no fato de propiciar aos atores nela envolvidos oportunidades para

julgar o que está bem e o que não está. Com base em dados do próprio processo ou de seus resultados, afirma que a mesma deve ser factível, permitindo a utilização de procedimentos compatíveis com a situação e situações vivenciadas. Deve ser ética, respeitando os direitos dos participantes, garantindo honestidade nos resultados. Deve ainda, ser exata, ou seja, garantir o rigor na aplicação dos procedimentos e no julgamento dos resultados. Resumindo para o autor, avaliação é uma ação educativa, factível, ética e exata. Esses aspectos estiveram presentes nos discursos dos docentes, seja sob a forma afirmativa, de dúvida ou de contradições.

Consideramos que a análise obtida neste estudo não oferece a amplitude para total compreensão do problema, entendendo-o ser motivador para outros que gere reflexão sobre o tema nesta área reconhecidamente complexa.

ABSTRACT: The main aim of this study was the teaching/ learning process related to evaluation from the perspective of the teachers-nurses in a private graduate school in nursing located in the city of São Paulo. We used the methodology of qualitative research as theoretical reference to the analysis. The analysis of the results allowed the unveiling of four categories present in the teachers' discourses: “experiencing the difficulty in evaluating student”, “experiencing multiple forms of theoretical and practical evaluation of student”, “experiencing paths to student evaluation” and “experiencing objective and subjective ways to evaluate students”. The study demonstrated that the teachers do recognize the multiple interaction involved in the evaluational process, leading them to the elaboration of different strategies that they believe minimize the difficulties in evaluating.

KEY WORDS: Educational/measurement; Teaching; Learning; Nursing.

REFERÊNCIAS

- 1 ALVES, A.J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cad. Pesq.*, São Paulo, v. 77, p. 53-61, maio 1991.
- 2 BELLONI, I. Avaliação institucional em educação. In: SEMINÁRIO SOBRE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL: para além da avaliação de aprendizagem, 1998 ; São Paulo; *Anais* São Paulo: Centro de Tecnologia e Gestão Educacional do Senac. s/p
- 3 BOGDAN, R.C.; Biklen, S.K. *Qualitative research for education: na introduction to theory and methods*. Boston: Ally and Bacon, 1982.
- 4 BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196/96 Sobre pesquisa envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, p. 134-144, 1996.

- 5 DEPRESBITERIS, L. Avaliação da aprendizagem: Revendo conceitos e posições. In: SOUZA, C.P. **Avaliação do rendimento escolar**, 5. ed. Campinas: Papirus, 1995. p.51–79.
- 6 FRANCO, M.L.P.B. Pressupostos epistemológicos da avaliação educacional. In: Souza, C.P. **Avaliação do rendimento escolar**, 5. ed. Campinas: Papirus, 1995. p.13-26.
- 7 KRAHE, E.D. et al Avaliação: uma abordagem teórico – prática. **Rev. Gaúcha Enferm.**, Porto Alegre, v.11, n.1, p.41-46, 1990.
- 8 LIBÂNEO, J.C. **A avaliação escolar didática**. São Paulo: Cortez, 1994, p. 195-220.
- 9 LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.
- 10 SGUISSARDI, W (Org). **Avaliação universitária em questão: Reforma do Estado e da Educação Superior**. São Paulo: Autores Associados, 1997. cap. 3.
- 11 SILVA, J.; BOHON, M.B. A avaliação no processo de ensino-aprendizagem. **Rev. Educ. ABC**, v.15, n.60, p. 42-48, 1986.
- 12 SOUSA, C.P. **Descrição de uma trajetória na/da avaliação educacional**. São Paulo, s/d. digitado.
- 13 VIANNA, H.M. **Introdução à avaliação educacional**. São Paulo: IBRASA, 1989.
- 14 ZAMBELLI, P.C. Avaliação: Um permanente desafio. **Tecnol. Educac.**, v.25, n. 136/137, p.57-60, 1997.

Endereço do autor:
Alameda Eduardo Prado, 383 - casa 17
01218-010 - São Paulo - SP